

MEDEIA E O CORO FEMININO: DOMESTICIDADE DO FEMININO

Darcylene Pereira Domingues¹
Jussemar Weiss Gonçalves²

RESUMO: O artigo aqui apresentado destina-se a tecer algumas críticas a respeito dos versos proferidos pela personagem Medeia e o Coro de mulheres coríntias na tragédia de Eurípidés. Para tanto utilizamos como método de análise histórica da fonte a categoria de gênero, aqui escolhida como uma lente para interpretação da fonte. Nesse sentido, a partir da leitura de gênero pretendemos demonstrar alguns pontos fundamentais no discurso da personagem, assim como também a reciprocidade construída entre ela e o Coro durante a encenação teatral. A partir dos poucos versos selecionados evidenciamos a construção de uma modelo de sociedade androcêntrica amplamente criticado por Medeia em suas falas. Palavras-chave: Medeia. Relações de parentesco. Gênero

MEDEIA AND THE FEMININE CHOIR: DOMESTICITY OF THE FEMININE

ABSTRACT: The article presented here is intended to weave some criticisms about the verses spoken by the character Medea and the Corinthian Women's Choir in the tragedy of Euripides. Therefore, we use as a method of historical analysis of the source the category of gender, chosen here as a lens for interpretation of the source. In this sense, from the reading of gender we intend to demonstrate some fundamental points in the character's discourse, as well as the reciprocity built between her and the Choir during the theatrical staging. From the few selected verses, we highlight the construction of an androcentric model of society widely criticized by Medea in his speeches.

Keywords: Medea. Relations of kinship. Gender

INTRODUÇÃO:

O presente artigo utiliza como fonte para a investigação histórica uma obra produzida especificamente para o teatro grego no ano de 431 a.C. A tão aclamada tragédia denominada *Medeia*, principal obra do trágico Eurípidés contemporaneamente continua a influenciar pesquisadores, cineastas e até mesmo leitores solitários. *Medeia* é uma peça

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande – darcylenedomingues@gmail.com

² Professor Doutor na Universidade Federal do Rio Grande – jussweiss@hotmail.com

que demonstra atitudes vinculadas ao feminino e que, conseqüentemente, evidencia tanto os limites da construção da mulher naquele período histórico como também algumas rupturas expressivas dentro do sistema da *pólis*³. Para o nosso estudo, primeiramente enfatizamos a presença do Coro feminino, personificação das mulheres moradoras da cidade portuária de Corinto, local de exílio da família de Jasão. Lembramos que essa cidade fora escolhida pelo herói após todo percurso da expedição dos Argonautas, pois a nau nomeada de Argo, teria sido conduzida imediatamente por Jasão para cidade de Corinto, na qual prestaria homenagem ao deus Poseidon. O Coro feminino, que pronuncia seus posicionamentos em cena, é um personagem coletivo, que segundo Vernant (2005) possuía o papel de exprimir os temores da cidade, suas esperanças, interrogações e julgamentos, por isso possui destaque na tragédia aqui citada. Desta forma, vemos o Coro, em diversos momentos, compadecido com a dor de Medeia, pois somente elas, as mulheres, poderiam entender a dor do abandono além de cenicamente estarem dispostas na frente do *oikos*⁴ ouvindo os clamores da princesa. Segundo Nólíbos, esse feminino vive “num Estado em que a política patriarcal atravessa os interesses do Estado, atingindo os corpos e a história das mulheres” (NÓLIBOS, 2017, p. 17). O Coro realiza na tragédia um papel de crítica e reflexão com os personagens, expressando não apenas uma certa visão do convencional como também se colocando em oposição aos personagens.

Iremos utilizar o método de análise histórica juntamente com a categoria gênero para a tragédia *Medeia*, já que, não desejamos encontrar uma representação uniforme de homens e mulheres em todas as áreas e atividades de uma sociedade. Salienta-se que cada documento é único e dá acesso a um campo particular, uma vez que “partiremos do princípio de que os textos escritos e as imagens se constituem em discursos. Enquanto discursos, ambos são falas – textos – que oferecem indícios à construção historiográfica” (LESSA, 2004, p. 19) e, principalmente, estão submersos ao seu tempo de produção.

A leitura de gênero é possível não pelos interesses autorais da obra que se lê, uma vez que, essa problemática se apresenta como um questionamento da sociedade

³ Compreendemos que *pólis* está para além da constituição de seu território denominado como Cidade-Estado, ela também é expressão e convivência da comunidade humana e como afirma Vernant “o aparecimento da *pólis* constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só alcançará todas as suas conseqüências [...] a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos” (VERNANT, 1984, p. 34).

⁴ Este trabalho segue as normas de transliteração dos termos em grego, de autoria de Ana Lia do Amaral de Almeida Prado, publicados na Revista Clássica v. 19, n. 2 (2006), pg. 198-199, da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC.

contemporânea que vivemos. Mas inegavelmente todas as sociedades constituíram-se a partir de relações sociais de gêneros, independente da nomenclatura desse sistema. Assim, encontramos uma história constituída pela hierarquização da sociedade mediada por diferentes papéis distribuídos sobre o ser feminino e masculino. Afirmamos, desde o princípio, utilizar como método de análise a categoria de gênero, pois em primeiro lugar acreditamos que as concepções de feminino e masculino, tanto em nossa sociedade quanto na grega, bem como o contexto histórico da fonte são fundamentais para observar os processos sociais em que ambos estão envolvidos e dialogando. Além disso, nos questionamos a respeito dessa presença feminina, nas representações cênicas características do século V a.C. na cidade de Atenas, uma vez que, como nos afirma Loraux (1985), no seu livro *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*, os cidadãos gregos viam esses personagens femininos, das tragédias, como uma maneira de observar a diferença entre os sexos e ao mesmo tempo reafirmar o lugar do feminino naquela sociedade.

O estudo histórico não pode separar o feminino do masculino para compreender uma sociedade, visto que, as relações sociais de ambos os sexos estão interligadas, como afirma Scott “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p. 3). Essa nova forma de observar a sociedade, e de fazer história, dependeria da forma que gênero seria desenvolvido como uma categoria de análise. Além disso, a sociedade grega apresenta uma mentalidade diferente da nossa, as identidades de gênero estavam ligadas ao sexo biológico e os papéis sexuais estavam determinados pelos papéis sociais que cada indivíduo exercia na sociedade. Assim, segundo Gonçalves “a escolha não é livre criação de uma subjetividade, mas negociações que se constitui a partir de uma relação com os limites que a prática social impõe aos papéis sexuais” (GONÇALVES, 2015, p. 107). Desta forma, os papéis sociais e sexuais para os gregos estavam intimamente ligados com a sua formação social e exerciam uma forte influência dentro da *pólis*. De tal modo, masculino e o feminino embora vistos como opostos, devido a função exercida na sociedade grega, também eram participante desse sistema, já que ambos estavam implicados na manutenção de um modelo de convivência, isto é, a *pólis*. No caso da sociedade grega, essas relações se apresentam mais evidentemente porque elas simbolizam, segundo Vernant (1992), a união de casas, ou seja, os interesses dos homens que realizam alianças por meio da instituição denominada casamento.

A partir da nossa interpretação, afirmamos que a utilização da categoria de gênero para análise da fonte é decorrente de um ponto de vista das leituras realizadas e das interpretações que respaldam nossas observações, uma vez que visualizamos nessas trocas familiares, marcadamente androcêntricas, a manutenção de um tipo de sociedade. Neste sentido, o feminino é uma pose do masculino, que ao realizar um laço com outro masculino, efetiva uma união denominada casamento, por meio do trânsito/tráfico da mulher. Sendo assim, as relações de parentesco são afirmadas, sobretudo, a partir da figura masculina, que utiliza-se do feminino para assegurar esses vínculos sociais por meio do casamento, uma instituição reconhecida pela *pólis*. Logo, o casamento é uma forma de manter as relações de parentesco cimentadas e dentro de um *oikos* específico e escolhido. Assim, estar incluído ou excluído de uma relação de parentesco demonstra os privilégios e as responsabilidades de uma pessoa para com a outra.

Nossa perspectiva consiste em observarmos como as relações de parentesco, que atrelam os indivíduos a famílias, se dão mediante uma visão de gênero, já que esta questão é importante na manutenção da própria estrutura familiar de poder. As relações sociais de gênero se constituem como os primeiros elementos de diferença no interior de uma organização de poder nas relações de parentesco.

AS MULHERES E A DOMESTICIDADE DO FEMININO

No contexto da cidade antiga existia uma certa formalidade do casamento e, conseqüentemente, uma sustentação constante nas relações de parentesco, além de serem, como afirma Rubin, “uma forma absolutamente fundamental da troca de presentes, na qual, as mulheres são os presentes mais preciosos” (RUBIN, 2017, p. 24). O estabelecimento do dispositivo matrimonial no interior da cidade é associado primeiramente a Sólon, como nos demonstra Leduc (1990, p. 321), o legislador teria redefinido a comunidade cívica assim como também o casamento. Neste sentido, o casamento é visto como algo partilhado por homens, que realizam “um comércio social entre as grandes famílias nobres, comércio este no seio do qual a troca de mulheres aparece como um meio de criar vínculos de solidariedade ou dependência, adquirir prestígio, confirmar uma vassalagem” (VERNANT, 1992, p. 53). Dessa forma, as relações de parentesco no interior da *pólis* devem estar estritamente cimentadas, pois elas irão fortalecer esse sistema.

É justamente a questão da funcionalidade do feminino que Medeia crítica, uma vez que, a princesa não se compreende somente como um ser humano destinado à criação de uma prole. Ela consegue se perceber para além desse sistema androcêntrico cívico, por isso reivindica espaços além do particular entre os versos 214-266. Medeia diferentemente do Coro reverbera uma tentativa de ocupar no interior da cidade um novo espaço para o feminino, contudo é drasticamente acantonada pelo masculino da peça que sempre enfatiza a funcionalidade das mulheres, a sua utilidade. Assim, Medeia vocaliza um discurso feminino para se aproximar do Coro composto pelas moradoras da cidade de Corinto.

Já no primeiro episódio, por meio de suas, ela crítica esse sistema que busca a domesticidade/controlar e principalmente funcionalidade do feminino em todas esferas da cidade. Logo, na nossa perspectiva os papéis sociais e a dinâmica das relações de gênero estão imbricadas na tragédia *Medeia*, pois a peça descreve o embate de uma mulher que percebe o enredo do androcêntrismo na construção de sua vida e se expressa através de um processo deliberativo. Como já afirmado acima, nosso interesse não é compreender a intenção autoral, uma vez que, encontramos-nos muito distante temporalmente da sociedade *políade* ateniense e principalmente porque utilizamos uma problemática da sociedade contemporânea para interpretação da fonte. Deste modo, utilizamos a perspectiva da categoria de gênero como uma lente específica para a leitura em questão, demonstrando através da escrita os pontos que desejamos evidenciar. Esse modelo de enquadramento sociocultural androcêntrico empregado pelos gregos no sistema cívico, destinava-se segundo Pantel (1990) a reafirmar a domesticidade do feminino e a sua exclusão do público, relegando às mulheres o interior, o privado, o desconhecido, algo repreendido pelo discurso da personagem Medeia. Indubitavelmente, “se o casamento é a última etapa da sua domesticação, é desde a idade dos sete anos que as rapariguinhas entram no processo que fará delas esposas perfeitas” (ZAIDMAN, 1990, p. 415). Sendo assim, segundo Gibert (2017) o crescimento da democracia ateniense foi acompanhado por um esforço crescente por parte dos cidadãos masculinos em regular a vida das mulheres, logo podemos observar que desde cedo elas começam o seu processo de educação/submissão ao masculino. Por isso, Medeia se utiliza dos opostos para expressar os seus interesses, é como se construísse através de sua fala uma *paidéia* própria do feminino, pois ela dialoga com o Coro que vive uma realidade semelhante, a funcionalização de seus corpos. É através desse discurso feminino que Medeia

demonstrará a realidade cotidiana das mulheres de Corinto e justamente em consequência disso receberá a aproximação do Coro, uma vez que, existe um elo entre os personagens.

Nessa mesma ótica, Redfield (1994) define a cidade a partir do político como uma comunidade que possui uma pluralidade de pessoas, os cidadãos, e que se mantém estruturada através dos laços recíprocos de hospitalidade e casamento. Como também “esta manipulação do parentesco que constitui, creio eu, o acto fundador da cidade grega” (LEDUC, 1990, p. 302). Esse convívio, inaugurado pelos gregos, é também amplamente discutido por Claude Mosse (1990) que define a cidade como um clube de homens, na qual o feminino é visto como uma “eterna menor” porque necessitava da figura de um tutor. É esse tutor que se figura no pai ou algum parente masculino mais próximo, responsável por manter a condição social do feminino, primeiramente como filha, posteriormente esposa e mãe. Nessa perspectiva, observamos que o feminino necessita do masculino para ter uma representação pública ou social, por isso “é o chefe da família quem assegura a ligação entre o *oikos* e a comunidade cívica, é ele que realiza os gestos decisivos de integração” (ZAIDMAN, 1990, p. 452).

Logo, as mulheres não eram mais filhas dos heróis homéricos e sim filhas de cidadãos que participavam da cidade em uma função específica, mulheres representadas no Coro de coríntias. Posto isso, é nesse novo cenário, que o casamento é visto como um meio para fortalecer as relações de parentescos num princípio normativo e necessário para sobrevivência da *pólis* além de regulamentar o comportamento de ambos os gêneros. E é precisamente essa funcionalidade/regulamentação que Medeia critica perante o Coro que reconhece a situação cotidiana que vivenciam, elas conseguem observar que estão envolvidas a esse sistema, embora não produzam uma ruptura durante a tragédia.

Nessa acepção, Medeia realiza entre os versos 214-266 uma *paideia* a respeito do lugar do feminino no interior da sociedade, colocando em evidência qual o posicionamento das coríntias e principalmente dando destaque para a funcionalidade das mulheres no interior da sociedade. Nesse sentido, iremos nos utilizar de alguns versos no interior desse monólogo, expressivo do posicionamento da personagem. Em seus argumentos perante o Coro feminino ela critica esse sistema de troca demonstrando uma resistência a essa constituição social, na qual as mulheres são a peça chave nos matrimônios no interior da *pólis*.

**Primeiro, a preço exorbitante, é preciso
comprar um marido, um déspota de corpo**

tomar: da desgraça a mais dolorosa desgraça. (*MED* vv. 233-235) [grifo nosso]

Lembramos que a personagem aqui analisada não realizou um casamento oficial na sua cidade de origem, dessa forma já observamos uma certa resistência a essa instituição consolidada no matrimônio. E como expresso anteriormente Medeia constrói uma argumentação próxima ao Coro, o que poderíamos afirmar como uma *paidéia* do que é ser mulher, quais os lugares e deveres dessas coríntias. Embora, sejam mulheres, Medeia e Coro, a princesa estrangeira não se assemelha a essas mulheres, ela pertence ao grupo mais sabe que sua posição não é igual fato evidenciado nos versos 252-258. E não somente pela sua condição de bárbara, mas principalmente porque ela não se condiciona ao julgo social masculino.

O vínculo de Medeia e Jasão não se fundamenta na troca de presentes ou aliança, pois no caso de Medeia, pelo contrário, o rei Etes fica desprovido primeiramente da filha que vivia em sua casa e do precioso velocino de ouro que foi usurpado indignamente por Jasão. Nessa perspectiva Cairns (2017) afirma que a união de Jasão e Medeia evidencia muita das características regulares de um casamento presente na sociedade ateniense, contudo de forma extrema. Além disso, Medeia e Jasão que arranjaram sua união, sem a permissão do pai da princesa, uma vez que, ela fugiu e deixou sua casa e terra natal para trás, abandonando assim a sua família em busca de um marido. Por isso segundo a teoria do autor, Medeia seria a imagem espelhada de Antígona de Sófocles, que recusou o matrimônio para manter-se ao lado de sua família. Nesse sentido, Medeia, diferentemente da personagem citada, despedaça as relações de parentesco de sua linhagem paterna, uma vez que, mata seu irmão, o oposto de Antígona que está disposta a morrer por seus afins.

Em um discurso logo no início da tragédia Medeia relembra a sua situação perante o Coro de mulheres e demonstra o abismo que existe entre elas, versos acima citados:

Mas uma mesma história para mim e para ti não dá

Tu tens essa cidade, a casa do pai,
vantagens na vida e a companhia de amigos;
já eu, solitária e sem pátria, afrontada
pelo marido, arrastada da terra bárbara,
sem mãe, sem irmão, sem família

de porto em porto busco refúgio dessas desgraças (*MED* vv. 252-258) [grifo nosso]

O retorno e proteção que a sua casa paterna poderia lhe proporcionar foram deixados para trás, além disso, ela também não tem mais o amparo de seu irmão, pois segundo o mito ele teria sido morto durante a perseguição ao navio Argos. Assim, Medeia diferentemente das outras mulheres, não possuía um representante masculino *kyrios* que lhe assegurasse um retorno para a sua origem. A situação de Medeia num possível divórcio seria a pior possível, uma vez que, como exposto, ela não poderia retornar à casa paterna. Contudo, visualizamos essa atitude de Medeia como uma escolha particular, pois ela aposta na relação a tal ponto que quebra com seu passado, assim realizando uma atitude através desse gesto. Ela rompe com seu passado, como expresso no mito, justamente porque acredita existir uma relação de justiça e igualdade na sua relação com Jasão, algo que posteriormente descobre não existir.

Lembramos que a personagem se encontra cenicamente posicionada na frente do *oikos* falando para o Coro composto pelas mulheres moradoras da cidade de Corinto. Essas mulheres compreendem a situação do feminino, posto que também estão implicadas nesse sistema cívico que lhes atribui uma função específica. Medeia ao entrar em cena já afirma:

Mas o homem, quando se irrita com os de casa,
sai e fora faz cessar o fastio do coração
[seja com um amigo, seja com um colega].
Já nós somos obrigadas a mirar uma só alma,
E dizem que nós vivemos uma vida segura,
em casa, e eles guerreiam com suas lanças,
Bobagem! Como queria junto do escudo
três vezes lutar a parir uma só vez. (*MED* vv. 244-251)[grifo
nosso]⁵

Nesse sentido, ela produz um discurso que reclama a funcionalidade do feminino, e principalmente o acantonamento social, sendo assim Medeia se apresenta como uma

⁵ Sinalizamos que os trechos utilizados durante a escrita desse capítulo serão retirados da tradução realizada pelo grupo Trupersa presente nas referências do trabalho.

mulher que fala para mulheres e, principalmente, utilizando um discurso deliberativo que busca uma identidade entre elas. Ela deseja através de sua fala demonstrar que tem interesse em outras atividades, não somente em produzir filhos que serão incorporados pela cidade e que irão alimentar esse sistema. Ela realiza uma crítica a respeito de uma certa liberdade que o masculino possui, liberdade de ir e vir, em comparação ao isolamento e funcionalidade do feminino recluso ao *oikos* e destinada a reprodução.

Com o surgimento do sistema *políade* fez-se necessário outorgar à mulher um lugar e uma função social específica, evidentemente vinculada à família e ao *oikos*, principalmente, limitando e mantendo a domesticidade feminina constantemente, o que é justamente criticado pela personagem. É justamente essa formação que introduz “uma forma social de orientação essencialmente masculina” (CALAME, 2013, p. 81), logo “a emergência das cidades, a partir do século VIII traduz-se por uma reestruturação das casas e do casamento” (LEDUC, 1990, p. 299) por isso o historiador Vernant (1992) também assegura que o casamento está para rapariga assim como a guerra está para o rapaz, é necessária uma funcionalização de ambos os sexos. Mulheres funcionalizadas pela cidade, caseiras, operosas e fiéis. Elas sempre estão nas costas da *pólis* e principalmente dos homens, mulheres essas que olham, escutam, ora valente e ora covarde, mas sempre silenciosas. E é justamente isso que a presença de Medeia lhes proporciona, um momento de interrogação sobre si em um espaço além da cozinha.

A partir da nossa interpretação vinculada a uma análise de gênero, as críticas proferidas pela personagem perante a sua casa, local fortemente representativo desse sistema androcêntrico, e perante o Coro de mulheres demonstra o impacto de suas falas concentradas entre os versos 214-266. Indubitavelmente, Medeia expressa com a sua voz as interrogações desse feminino que a escuta, pois, elas também compreendem a definição de um lugar próprio do feminino, lugar de identidade.

Ela expressa a partir de suas falas a realidade cotidiana desse feminino, representado no Coro de mulheres moradoras de Corinto, mulheres essas que a escutam e a compreendem, principalmente, porque aceitam manter-se em silêncio a respeito da vingança a Jasão posto que o mesmo afirma:

Isso farei, pois é justo dar troco ao marido,

Medeia. E lamento, não admiro tua sorte (*MED* vv. 267-268)

[grifo nosso]

Podemos observar que o Coro se aproxima da princesa após ouvir suas lamentações e, principalmente, após discorrer a respeito da domesticidade do feminino, formando um laço de reciprocidade entre essas mulheres que afirmam inicialmente ir juntamente com Medeia nessa vingança. Reiteramos isso porque em diversos momentos específicos Medeia se pronuncia diretamente para essas mulheres, buscando seu convencimento e seu apoio como demonstrado no quadro abaixo:

Medeia direcionada ao Coro:
Mulheres de Corinto (v. 214)
Mulheres somos as mais lamentáveis criaturas (v.232)
Mulher é cheia de medo (v. 263)
Amigas (v. 377)
Agora belas vitórias sobre meus inimigos, queridas, teremos! (vv. 765-766)
Vamos ter que matar os meninos (v. 793)
Não suporto, amigas, ser motivo de riso pros inimigos (v. 797)
Não contes nada do que planejei, se entendes bem tua senhora e és mulher. (vv. 823-824)
Nós os mataremos, nós, que os geramos! (v. 1064)
Amigas, há muito espero a solução do acaso e aguardo o que lá se passará. (vv. 1116-1117)
Queridas, o ato está decidido. (v.1236)
Nós mataremos, nós que os geramos (v. 1241)

Nas falas aqui selecionadas, Medeia se aproxima vocalmente do Coro procurando criar um vínculo com essas mulheres que irão acompanhá-la durante a encenação, mantendo segredo a respeito da vingança a Jasão. Nesse ponto de vista:

O afastamento pela cidadania, entre Medeia e as coríntias, não impede, entretanto, que entre elas se estabeleça um elo de solidariedade no silêncio: as coríntias não se levantarão contra a vingança de Medeia, nem mesmo quando esta vingança atinge uma outra mulher, a filha do rei, e o próprio rei de Corinto (ANDRADE, 2003, p. 133)

Sendo assim, segundo Swift (2017) Medeia se depara com um Coro amigável/recíproco, mas não necessariamente leal, já que, em suas falas iniciais Medeia sabe que é uma estranha naquele meio afirmando “Mulheres de Corinto”. Assim, sua

estratégia é construir uma identidade com base na experiência que é comum às mulheres, a domesticidade.

Por isso, ela enfatiza um reconhecimento de suas diferenças em relação aos homens, Medeia as chama para uma tomada de posição como mulheres, não como mães ou filhas. Assim, “o crucial para a estratégia de vingança de Medeia é o apoio do Coro” (MUELLER, 2016, p. 508). Medeia em suas falas busca um terreno comum com essas mulheres, uma identidade para que se crie um vínculo. A autora ainda afirma que a identidade de Medeia está concentrada no fato dela construir cênicamente a sua representação como mulher e o seu status de vítima e ao mesmo vingadora, torna-a profundamente sintonizada com o Coro que vive a mesma realidade subjetiva, familiar e social. Como já dito antes, Medeia a partir do seu discurso busca primeiramente convencer o Coro a lhe acompanhar nesse processo de ação, e principalmente reivindica um lugar para além do espaço particular do *oikos*.

O Coro, desde o princípio, se conduz juntamente com Medeia afirmando que:

Um choro, ouvi! Triste ... Tão gemido ...
Uma agonia clara e doída reclama
na cama o esposo ruim Infiel
Injustiça sofreu e aos deuses exora
a promessa de Zeus, Têmis (*MED* vv. 205-209)

Nesse instante, o Coro está na frente do *oikos* ouvindo suas lamentações e alegando que o corrido com a princesa é um caso de injustiça, por isso suplicam aos deuses vingança pelo ato de Jasão. Essas mulheres coríntias conseguem dimensionar a dor do abandono numa sociedade marcadamente androcêntrica e que concentra a visibilidade do humano no público e principalmente condicionam as mulheres a viverem funcionalizadas reproduzindo filhos. Essa realidade é amplamente discutida por meio de um processo deliberativo construído por Medeia ao longo de toda tragédia e acompanhado pelo Coro.

Ao observar o discurso produzido na tragédia tanto as mulheres de Corinto como Medeia se utilizam do conceito de justiça para cobrar um posicionamento do personagem Jasão, uma vez que, ambas acreditam ocorrer um processo de desrespeito. Nesse sentido, podemos afirmar que Medeia reclama algo próximo a uma *philia*, um contrato que foi acordado entre ela e Jasão e que foi desfeito sem nenhuma honra pelo masculino.

E é justamente nesse elo existente entre os femininos, Medeia e o Coro, que a personagem trágica irá fundamentar seus diálogos para melhor convencimento das moradoras de Corinto. Marcando sua argumentação pela domesticidade, pela exclusão do feminino, pelo afastamento do espaço comum/deliberativo, pela falta de autonomia e representação. É utilizando de um discurso marcadamente feminino que Medeia consegue convencer o Coro a acompanhá-la por quase toda tragédia.

De tudo que é vivo e tem vontade,
mulheres somos as mais lamentáveis criaturas. (*MED* vv.
231-232) [grifo nosso]

Contudo, as mulheres que compõem o Coro em nenhum momento da obra demonstram um posicionamento ativo se comparadas a Medeia, elas suplicam por justiça aos deuses, concordam com a infidelidade de Jasão, mas não demonstram uma tentativa de ação. Em suma, essas mulheres gregas não se veem realizando uma ruptura no sistema cívico, elas somente observam e acompanham a princesa até determinado ponto, a decisão da morte das crianças. Medeia consegue conduzir o Coro, juntamente com o espectador, até o momento que define como se findara a sua vingança.

Para enfatizar a dominação masculina, a princesa continua tecendo críticas ao casamento afirmando que:

Aí, ao se deparar com novos costumes e leis,
é preciso ser advinha: **não se aprende em casa
como melhor servir ao companheiro.** E se,
lida acabada, a nós o marido leva bem,
sem violência, aí, **no cabresto**, a vida
é invejável. Se não, é útil morrer. (*MED* vv. 238-242) [grifo
nosso]

Medeia ao se referir ao casamento sempre lhe apresenta como um jugo sob o feminino, algo que condiciona a mulher a viver sobre os interesses do masculino, no interior e no exterior da casa. Assim, quando se refere à jovem esposada por Jasão corrobora essa domesticidade que o casamento assegura sob o feminino, afirmando que ela é uma “**moça recém-domada**” (*MED* v.623), como nos corrobora o autor “o casamento grego é concebido justamente como uma passagem da “natureza” à cultura

pela união entre os sexos” (CALAME, 2013, p. 112). Dessa forma, esse jugo social expresso no casamento mantém a mulher sobre vigilância e regramento constante dentro da *pólis*, fortalecendo a sua função de mantenedora do corpo cívico e sem participação no espaço comum. E é justamente esse sistema de regramento social/cultural androcêntrico que Medeia crítica em suas falas, posto que, ela se posiciona e questiona a validade desse sistema cívico.

O casamento nessa perspectiva é apresentado como uma ferramenta fundamental para o processo de domesticidade do feminino, uma vez que, é sobre o cabresto social e masculino que essas mulheres são formadas e forjadas no interior da cidade, “essa domesticação, traduzida pela imagem do jugo é dupla – lembremos: ela é submissão ao desejo animado por Eros e, para a mulher ateniense, sujeição à autoridade do esposo” (CALAME, 2013, p. 145). Assim, o matrimônio teria, segundo o autor citado, a função de constrangimento sexual simbolizados na perseguição e no rapto, e principalmente, na domesticidade cultural regrada e socialmente admitida.

Nesse prisma podemos observar que a mulher é sempre intermediada/tutelada ou representada pelo masculino, posto que “a legitimidade do estatuto da mulher passa sempre, como se vê, pelo do pai ou pelo do marido” (ZAIDMAN, 1990, p. 413). Destarte, as relações de parentesco e de gênero se baseiam, na grande maioria, pela linha paterna, deixando evidente um posicionamento de sociedade marcadamente androcêntrico. Salientamos isso porque o “casamento era uma condição fundamental para a continuidade da cidade e por isso era tratado como assunto de Estado” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 47). Conseqüentemente, masculino e feminino, estão implicados nessa condição no interior da *pólis*, evidentemente de maneira distinta como exposto nas falas dos próprios personagens. Entretanto, ambos devem fornecer quando necessários filhos legítimos para manutenção desse sistema cívico. Posto isso, manter-se casto no interior da cidade se torna um problema.

CONCLUSÃO

Na fonte aqui analisada, a partir dos versos demonstrados, observamos que são os homens que trocam mulheres e não o contrário, por isso Medeia se aproxima cenicamente do Coro que está na frente do seu *oikos* ouvindo seu discurso. Medeia quando sai do interior de sua casa destina suas falas justamente para essas mulheres que a observam as

chamando de amigas ou mulheres, dessa forma representando uma proximidade entre o feminino estrangeiro e grego. São essas mulheres, que da mesma maneira são atingidas por esse sistema de relações de parentesco, que concretizam as relações de gênero na sociedade grega, determinando, sobretudo, quais as funções que o feminino deve exercer.

Em suma, visualizamos brevemente na escrita a aproximação e a reciprocidade existente entre a personagem Medeia e o Coro de mulheres moradoras da cidade de Corinto. Mulheres essas que aproximam, embora sempre se diferenciem, posto que Medeia visualiza o modelo de sociedade cívica e androcêntrica a partir de um ponto de vista distinto do Coro pois a sua situação de estrangeira lhe torna ímpar. Assim, ela realiza uma crítica à funcionalidade do feminino, algo enraizado nas relações de parentesco, dando assim voz para os questionamentos dessas mulheres que se mantêm silenciosas durante a tragédia e socialmente devido à domesticidade que lhes subjagam. Medeia as chama para cena, mostra o acantonamento do feminino, problematiza a convivência na *pólis* e as relações imbricadas no matrimônio, assunto demonstrado ao longo da escrita. O Coro acompanha Medeia durante a sua trama que busca a justiça, palavra utilizada pelas mulheres, elas silenciam as verdadeiras intenções da princesa estrangeira e não lhe abandonam até mesmo no momento da morte de Glauce. Essa reciprocidade será mantida até o instante da morte das crianças, algo inconcebível ao feminino que não consegue se desvincular totalmente de sua funcionalidade cívica, gerar filhos.

Pensar gênero é descobrir a fundação social vinculada a uma construção masculinizada. Dessa forma, é preciso observar como a sociedade se organiza, age e valoriza as atitudes a partir de um modelo androcêntrico. Ademais, esta forma social estipula formas de poder e de corpos que interagem mediados por uma naturalidade constituída a partir de identidades de gênero claramente definidas. Medeia desborda os limites dessa sociedade, pois ela começa a constituir-se através dessa destruição de seu corpo. Para a sociedade masculina, Medeia é uma alteridade excessiva, descrita como descontrolada e rebelde.

Além disso, conforme Swift (2017) Medeia combina características que são estereotipadamente femininas com outras surpreendentemente masculinas. Assim sua capacidade de enganar teria sido considerada tipicamente feminina, pois em todas as cenas da peça vemos Medeia manipulando os personagens para alcançar seus objetivos. Medeia expressa as dificuldades de ser mulher, o seu discurso ajuda o espectador a entender porque a sua vingança é justificada, pois ela explica a relevância do casamento

para a mulher nesse sistema androcêntrico de sociedade. Ela cumpriu com suas obrigações como esposa, permanecendo fiel e leal a Jasão e, o mais importante, fornecendo a ele dois filhos homens saudáveis, que ele Jasão reconheceu após o sétimo dia, por isso ela enfatiza a sua fertilidade, não deixando espaço para os argumentos. Jasão não consegue dimensionar o peso da ação de Medeia pois não foi educado para isso. A relação assimétrica de gênero entre Jasão e Medeia coloca cada um em funções específicas em uma ordem androcêntrica. A estabilidade do casamento é de fato uma questão crucial para as mulheres por isso Medeia nos evidencia através de suas inúmeras falas essa relevância.

REFERÊNCIAS

A) FONTES

EURÍPIDES. **Medeia**. Tradução de Trupersa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

B) BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marta Mega de. A "Cidade das Mulheres": a questão feminina e a pólis revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Loudes Conde; SILVA, Glaydson José da. **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003

CAIRNS, Douglas. **Medea: Feminism or Misogyny?** 2017

CALAME, Claude. **Eros na Grécia Antiga**. Tradução de Isa Etel Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2013

GIBERT, John. Euripides and the Development of Greek Tragedy. In: MCCLURE, Laura. **A Companion to Euripides**. Oxford: Blackwell, 2017, pp. 42-58

GONÇALVES, Jussemar Weiss. Papéis Sociais X Papéis Sexuais. In: VIANNA, Marcelo et al. (orgs) **O historiador e as novas tecnologias: caderno de resumos do II Encontro de Pesquisas Históricas – PUCRS**. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://iiephispucrs.files.wordpress.com/2015/05/caderno-de-resumosii-ephis-pucrs1.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

LESSA, Fábio de Souza. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LEDUC, Claudine. Como dá-la em casamento? A noiva no mundo grego. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.

LORAUX, Nicole. **As mães de luto**. Tradução de Cristina Pimentel. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.

MUELLER, Melissa. **The language of reciprocity in Euripides Medea**. The American Journal of Philology, vol 22, nº 4. The Johns Hopkins University Press, 2008

MOSSE, Claude. **La mujer en la Grecia clásica**. Tradução de Celia María Sánchez. Madrid: NEREA, 1990.

NÓLIBOS, P. Clitemnestra e Helena: as espartanas, o patriarco e o poder nas mãos da mulher. In: ASSUMPCÃO, L. F. B. D. Esparta Política e Sociedade. Curitiba: Primas, 2017. Cap. 1, p. 17-48.

PANTEL, Pauline Schmitt. A história das mulheres na história da antiguidade, hoje. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.

REDFIELD, J. O homem e a Vida Doméstica. In: VERNANT, Jean-Pierre. O Homem Grego. Lisboa, Presença, 1994)

RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, p. 71-99, 1995. Disponível em: . Acesso em: 7 fevereiro 2014.

SWIFT, Laura. Medea. In: MCCLURE, Laura. **A Companion to Euripides**. Oxford: Blackwell, 2017, pp. 80-91

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia antiga**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1992.

_____. As origens do pensamento grego. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 4. ed. São Paulo: Dipel, 1984.

VIDAL-NAQUET, J.-P; _____. Mito e tragédia na Grécia antiga. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VRISIMTZIS, Nikos. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral, São Paulo: Odysseus, 2002

ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora - mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.